

ENTREVISTA JOÃO SOARES DA SILVA Sócio da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva

“O mercado de capitais português é pouco profundo”

Advogado faz avaliação positiva da justiça portuguesa e elogia ministra. O grande problema, diz, é a morosidade.

Etv

Direito a Falar
Sextas-feiras, 22h15

Rui Pedro Batista
rui.pedro.batista@economico.pt

O mercado de capitais português é muito pequeno, pouco profundo e é isso que justifica o fraco recurso dos empresários portugueses à bolsa nacional. Esta é a convicção de João Soares da Silva – sócio da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva –, especialista em mercados de capitais e convidado do programa Direito a Falar, num ciclo de entrevistas a alguns dos mais importantes advogados do país.

Numa conversa em que foi chamado a fazer uma avaliação do desempenho da actual ministra da Justiça, das suas relações com o bastonário da Ordem dos Advogados e da qualidade do ensino do Direito em Portugal, Soares da Silva deixou também uma visão sobre a sua área de especialidade. “Não há pouca apetência pelo mercado de capitais. O que se passa é que o mercado de capitais português é pouco profundo”, explicou. E lembrou que, “nos anos 80, nas duas ou três alturas em que o mercado de capitais conseguiu captar poupanças, as empresas fizeram aumentos de capital e avançaram com as famosas OPV, que conseguiram atrair accionistas privados”.

Quanto ao desempenho da banca portuguesa, Soares da Silva não tem dúvidas: “Tem tido um percurso notável desde meados dos anos 80. Um trajecto verdadeiramente exem-

plar. Se todos os sectores da economia portuguesa tivessem o mesmo desempenho, estávamos muito melhor.”

Quanto à sua avaliação da justiça em Portugal, Soares da Silva começa por elogiar o trabalho de Paula Teixeira da Cruz. “Gosto francamente da actual ministra, acho que é uma mulher com iniciativa, com coragem, o que não quer dizer que faça tudo certo. Mas é uma pessoa cujo perfil me agrada.” O advogado prefere não comentar em pormenor as relações entre



PERFIL

Pescador de truta, salmão... e bons clientes

Tem 59 anos, feitos em Fevereiro, e depois de abandonar o paraquedismo decidiu assentar os pés na terra - mais propriamente na água. Gosta de pescar truta e salmão, sobretudo na Escócia e na Galiza. Aventuras para as quais conta com a mulher, com quem partilha também o gosto pelas antiguidades. É sócio da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva e coordenador do departamento de 'corporate' e da equipa de comercial e societário e mercado de capitais. Tem sido responsável por um importante número de operações e projectos de grande dimensão e complexidade nas suas áreas de actividade, em Portugal e no estrangeiro. Diz quem o conhece, há muitos anos, que é também um exímio pescador... de bons clientes.

a ministra e o bastonário dos advogados, mas sempre vai dizendo que “as relações recentes não têm contribuído para um clima de serenidade que é necessário”. Prefere não tomar partido, mas quando questionado sobre a actuação de Marinho Pinto refere que não é “um apreciador nem entusiasta do seu estilo, vivo e eventualmente menos próximo de uma serenidade que eu gostaria de ver. Mas reconheço-lhe boas qualidades, de coragem, de activismo, no sentido de identificação das questões.”

De resto, Soares da Silva deixa o diagnóstico do sistema. Habitado a contactar diariamente com grandes investidores internacionais, o advogado cre “que a nossa Justiça é de boa qualidade”, mas acrescenta que “a questão de celeridade é importante ao nível do investimento internacional”.

Quanto ao seu próprio escritório, João Soares da Silva refere que a internacionalização é um processo imparável em que está “muito empenhado, numa lógica de plataforma giratória, de cruzamento de interesses”. E detalha: “criámos uma estrutura, a MLGTS Legal Circle, que agrupa as participações e as parcerias com os escritórios de Angola, Moçambique e Macau, além da parceria com o Brasil e que centraliza o papel de Portugal”.

Questionado sobre a qualidade do ensino do Direito em Portugal, o advogado diz que falta profundidade jurídica aos alunos, mas reconhece que, actualmente, têm conhecimentos mais diversificados. Ainda assim, não consegue ver vantagens nas alterações introduzidas por Bolonha. “Estou para ver qual a vantagem de ser ter dividido a formação jurídica em três anos mais um mestrado face aos anteriores cinco anos, que não eram demais”. ■